

Goiânia, 21 de janeiro de 2010

Artigo

Um Haiti Político

A administração pública beneficia-se tanto em momentos de glórias como de catástrofes. O Senado e seu último escândalo salvaram-se com as Olimpíadas – nesse caso, foi necessário o uso de munição pesada para abafar um alvoroço que chamava mais a atenção do que a crise financeira internacional. Para os problemas do Legislativo e do Executivo do Distrito Federal, primeiro vieram as chuvas de São Paulo e em seguida as águas do Rio de Janeiro.

Mas isso não bastou. Eis, então, o arrebate da mais nova catástrofe do Haiti. E após a tragédia, o apelo geral no sentido de arrecadar e enviar donativos às vítimas do terremoto, ou doações em dinheiro, enviando qualquer quantia ou coisa para o consulado do Haiti em São Paulo (lugar onde trabalha aquele cônsul simpático, mas que tem suas reservas quando o assunto é a macumba ou os africanos).

Ajudamos nas campanhas em prol do ad aeternum famigerado povo do Haiti. Sucessivamente nos mobilizamos perante as grandes catástrofes internacionais, enquanto que nossas calamidades cotidianas nada mais significam.

Fazendo algumas referências, no polígono da seca (sim, ele ainda existe), sobrevivem 10 milhões de brasileiros (mais do que os 8 milhões de habitantes do Haiti) em condições que a ONU classifica como abaixo da linha da miséria. E tal fato é apenas parte da estatística, pois segundo a FGV (dados não censurados de 2005), aproximadamente 50 milhões de brasileiros (29% da população) vivem com renda inferior a 80 reais por mês. Padecem, deste modo, no paraíso.

Ainda nesse sentido, é importante compreender que existem para apoiar os 230 mil índios que habitam a Amazônia Legal, 350 ONGs estrangeiras. Por outra via, não há sequer uma ONG internacional que queira ajudar a aplacar o sofrimento de milhões de nordestinos sujeitos a fome, sede, subnutrição e suas consequências. Contudo, sob os pés de nossos silvícolas existem riquezas das mais variadas, que juntas foram estimadas em 14 trilhões de dólares.

Logo, pela gravidade do momento, todos devem fazer sua parte, enviando donativos, alimentos, água ou mesmo dinheiro para nossos irmãos mais necessitados do Nordeste, do Norte, do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Depois, ou ao mesmo tempo, podem ser ajudadas as entidades que atendem e encaminham para a inserção social, os moradores de rua de nossos bairros. E se sobrar um tempinho, podemos ainda dar atenção aos haitianos – e quem sabe também aos nossos famigerados políticos.

Georges de Moura Ferreira é aviador, advogado, professor de Direito Internacional Público e de Direitos Humanos da PUC-GO e da Uni-Anhanguera, conferencista e membro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Delegacia de Goiás.